

---

**PRÁXISCOMUNAL**

---

volume 2 | número 1 | Janeiro - Dezembro 2019

**A FRENTE NEGRA BRASILEIRA:  
INSTITUCIONALIZAÇÃO, CONTESTAÇÃO E FASCISMO**

**LA FRENTE NEGRA BRASILEÑA: INSTITUCIONALIZACIÓN,  
CONTESTACIÓN Y FASCISMO**

Matheus Felipe Gomes Dias



## A FRENTE NEGRA BRASILEIRA: INSTITUCIONALIZAÇÃO, CONTESTAÇÃO E FASCISMO

## LA FRENTE NEGRA BRASILEÑA: INSTITUCIONALIZACIÓN, CONTESTACIÓN Y FASCISMO

Matheus Felipe Gomes Dias

**RESUMO:** O presente trabalho busca observar a relação entre institucionalização, contestação e fascismo na Frente Negra Brasileira (FNB). Com base nisso, recorreu-se a bibliografias que buscam discutir essa temática, apresentando apontamentos e possibilitando uma análise crítica. Destarte, a análise da Frente Negra Brasileira, enquanto movimento social, não está de forma alguma desassociado do contexto social, político e ideológico na qual essa organização está inserida. Relacionando a luta contra o racismo, tendo como alvo a luta dentro da institucionalidade, a Frente Negra apresentou diversos paradoxos em seu período de existência. Por causa disso, o presente artigo concluiu que o fascismo no interior da Frente Negra não pode ser compreendido distante do seu contexto social e político, bem como da luta pela representação da “Gente Negra”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Frente Negra Brasileira. Movimento Negro. Fascismo. Institucionalização. Movimentos Sociais.

**RESUMEN:** El presente trabajo busca analizar a relación entre institucionalización, contestación y fascismo na Frente Negra Brasileira (FNB). Basado en eso, apelado en las bibliografías que buscan discutir esa temática, de forma que presenta una posibilidad crítica esto movimiento social. De ese modo, el análisis del Frente Negra Brasileira, mientras movimiento social, no estás distante de manera alguna del contexto social, político y ideológico na cual está inserida. Relacionando la lucha contra el racismo, apuntando a lucha dentro de la institucionalidad, la Frente Negra presenta diversas paradojas en su periodo de existencia. Por causa de eso, el presente artículo concluye que el fascismo en interior de la Frente Negra no puede ser entendido distante del contexto social y político, tan poco da lucha pela representación de la “Gente Negra”.

**PALABRAS-CLAVE:** Frente Negra Brasileña. Movimiento Negro. Fascismo. Institucionalización. Movimientos Sociales.

## INTRODUÇÃO

A Frente Negra Brasileira é uma organização fundamental para que se compreenda o desenvolvimento das lutas e das organizações do movimento negro brasileiro. Nas três primeiras décadas do século XX, a Frente Negra Brasileira (FNB) surge e coloca, pela primeira vez, a perspectiva de uma organização de luta contra o racismo.

Ao longo das três primeiras décadas do século XX, a FNB cresce e se projeta como partido político num período de redemocratização que termina no Estado Novo. Esse percurso político-ideológico sofre inúmeras mudanças e estabelece relações que trazem a possibilidade de compreender diversos aspectos desse movimento.

Destarte, a FNB criou diversas polêmicas em seu largo período de existência, tais como a íntima relação com o catolicismo, a oposição a democracia liberal, a troca de cartas com Hitler e Mussolini e os debates raciais promovidos no interior do periódico “*A voz da raça*” (1931-1937).

Nesse sentido, surge um questionamento: *de que modo se deu esse processo de institucionalização e a relação da Frente Negra com o fascismo e as lutas contestatórias?* Portanto, a presente investigação recorre ao estudo bibliográfico, buscando observar as dinâmicas relativas a essa temática, tendo como objetivo compreender a existência de uma perspectiva fascista nas políticas internas e externas da FNB, bem como as perspectivas programáticas desse movimento.

Doravante, o presente artigo inicia-se com uma breve discussão acerca da história da Frente Negra Brasileira, observando os aspectos organizativos e as perspectivas desse movimento, bem como sua relação com as lutas sociais, as ideologias e a realidade social no Brasil naquele período. Posteriormente, discute-se com base nas bibliografias, a relação entre institucionalização, contestação e fascismo. Por fim, apresenta-se as conclusões obtidas no decorrer da pesquisa, elencando as principais particularidades da Frente Negra Brasileira.

## BREVE HISTÓRIA DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Compreender o surgimento e os desdobramentos da Frente Negra Brasileira coloca na esteira desse processo a compreensão do contexto social no qual esse movimento está inserido. Na década de 1920, alguns jovens negros já haviam conseguido certa escolarização e começavam a iniciar os estudos universitários. Nessa década, emerge diversas perspectivas nacionalistas, que buscavam problematizar a inserção do republicanismo no Brasil e a democracia liberal (MALATIAN, 2013). Arlindo Veiga dos Santos, um dos funda-

dores da FNB, começava nesse momento a pensar a questão racial no Brasil em direta relação com as perspectivas nacionalistas.

Nesse momento, de acordo com Malatian (2013, p. 1-2),

Formaram-se grupos militantes que frequentavam espaços de socialidades, e neles Veiga dos Santos teve atuação destacada na mobilização dos negros para uma luta integracionista e defensora de uma nova identidade a ser socialmente construída mediante superação do preconceito e da discriminação. Correntes políticas diversas disputavam espaço entre os militantes.

Os clubes foram demasiadamente importantes para compreender o surgimento da FNB, pois a questão racial era motivo de debate e a promoção da cultura negra era feita de forma sintomática nesses espaços. Os clubes dos “homens de cor” traziam uma forma de organização sistemática, colocando no centro do debate à integração do negro na sociedade de classe, oferecendo cursos, espaços de socialização, cultura e, fundamentalmente, o debate político (CAMPOS, 2006; OLIVEIRA, 2006).

No entanto, há de se observar uma distinção no que tange os Clubes dos “homens de cor” e a sua relação com a FNB. De acordo com Oliveira (2006) os clubes que pautavam a discussão do racismo, que criavam formas próprias de educação e divulgação da cultura negra - de forma mais incisiva -, estavam associados à FNB. Por outro lado, os clubes que tinham um caráter “recreativo”, não participavam da FNB e eram considerados como responsáveis pela “degeneração da família negra”.

Os clubes e associações negras ligados somente às atividades recreativas e esportivas, como os bailes, que não participavam da FNB e nem a apoiavam, eram considerados culpados pelo desmantelamento da família negra. Ou seja, ou se estava como a FNB ou se estava contra ela (OLIVEIRA, 2006 p. 99).

Nesse sentido, a FNB surgiu como uma organização que possuía em sua base diversos clubes. A perspectiva da FNB, por sua vez, representava drasticamente o contexto político ideológico de seu surgimento. Por causa disso, o programa da FNB nasce justamente próximo ao nacionalismo e a perspectiva *patrianovista*<sup>1</sup>. Para além disso, observa-se ainda um rechaço aos movimentos sociais que estavam inseridos na esquerda e existia uma proximidade, por parte da FNB, com a direita nacional e internacional (BARCELOS, 1996; RIOS, 2014).

---

1 O movimento Pátria-nova ou patrianovista surgiu a partir do Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria Nova, fundando em 1928. Desse modo, Arlindo Veiga dos Santos (fundador da Frente Negra e do Centro Monarquista de Cultura e Política Pátria Nova) e igualmente seu irmão Isaltino Veiga dos Santos fundaram Ação Imperial Patrianovista Brasileira, em 1928. O movimento patrianovista tinha como objetivo questionar a instauração do republicanismo e da democracia liberal no Brasil, buscando construir formas de mobilização que reinstaurasse a Monarquia no Brasil (LANNES, 2002).

Destarte, o programa da FNB, embora com largas posições autoritárias (ponto que discutiremos a seguir), existia uma tentativa de contestação das relações raciais e o racismo científico no Brasil. De acordo com Lannes (2002, p. 46),

Apesar de ter sido criada no momento de substituição das teorias de branqueamento e racismo científico pelo mito da democracia racial e a valorização da raça mestiça, a Frente Negra Brasileira sempre buscou combater a tendência de se acreditar na ausência de preconceito racial no Brasil. O objetivo era reconhecer, encarar e combater o racismo. Contudo, vale ressaltar que a busca era de integração e não de segregação. Condenavam sempre o ódio e a solução segregacionista norte-americana. A intenção não era criar uma escola para negros, e sim fazer com que os negros frequentassem tranquilamente as escolas dos brancos.

Concomitantemente, a FNB avança no sentido de cômruir parte significativa dos clubes de “homens de cor”. Desse modo, encontra-se igualmente o surgimento da imprensa negra brasileira e a promoção de um debate racial no Brasil.

Essa imprensa tinha o intuito de exercer liderança sobre as massas negras, organizando a solidariedade da comunidade negra em torno de ações educativas sob o signo de indisfarçável puritanismo. À medida que se extremavam as posições políticas no Brasil a partir da crítica generalizada à democracia liberal, sub-repticiamente associada à República oligárquica, essa imprensa ressuscitava as velhas categorias raciais, fazendo seu proselitismo em torno da arregimentação da raça negra (GUIMARÃES, 2012, p. 18).

Diversos periódicos exerciam importância nesse momento, sendo por sua vez impossível não destacar o *Clarim da Alvorada* (1924) e *A voz da Raça* (1931-1937), que se tornam referências da imprensa negra e do debate racial no Brasil (LANNES, 2002; DOMINGUES, 2007).

A importância da imprensa negra pode ser observada na medida em que se buscou construir um debate acerca das relações raciais no Brasil. Nesse sentido, a imprensa negra foi demasiadamente importante, pois serviu ainda como modo de divulgação das perspectivas políticas da FNB e do debate racial no Brasil. Por causa disso, nota-se por sua vez o aumento significativo no número de membros e a difusão da FNB para além de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

De acordo com Guimarães (2012, p. 18):

Essa imprensa tinha o intuito de exercer liderança sobre as massas negras, organizando a solidariedade da comunidade negra em torno de ações educativas sob o signo de indisfarçável puritanismo.

Embora não exista um consenso acerca do número total de membros da FNB, observa-se que a organização atingiu um número expressivo de militantes. Em 1936, segundo estimativas, a FNB possuía mais de 100 mil membros (DOMINGUES, 2008).

A FNB possuía uma estrutura rígida e hierarquizada, capaz de abarcar todos os aspectos da organização, de suas células e seus periódicos. Apesar dessa perspectiva, a FNB possuía ainda formas sistemáticas de lidar com seus opositores e os membros que não pagavam as contribuições mensais: “[...] ameaças aos faltosos nessa tarefa eram constantemente lembradas como a “rocha Tarpeia” que resultava em execração pública e mesmo em expulsão da entidade, como salientavam ironicamente seus opositores” (MALATIAN, 2013, p. 9).

Sobre a sua estrutura administrativa, é inquestionável o elevado grau de organização. O Grande Conselho reunia-se semanalmente e era composto por todos os associados responsáveis pela administração, estando subdividido em vários setores: - Presidente: máxima autoridade dentro do Conselho e da própria Frente Negra, referendando ou não, todas as decisões; - Conselheiros: tinham função fiscalizadora, salvaguardando as diretrizes do Grande Conselho; - Secretário Geral: substituto do presidente em sua ausência. Era o responsável pelo bom andamento das atividades da sede. Possuía também a importante função de controlar e muitas vezes censurar as comunicações e publicidades da Frente; - 1º Secretário: responsável pela correspondência das delegações, atas e portarias. - 2º Secretário: atendimento direto aos associados, buscando atender suas solicitações. - Cabos: agentes externos da Frente Negra, com autoridade sobre os sócios. - Tesoureiro Geral: responsável pela parte financeira da instituição. - Fiscais: responsáveis pela ordem material e moral da sede, cuidando da limpeza e do policiamento (LANNES, 2002, p. 58).

Nesse interim, a FNB transformou-se em 1936 num partido político, com vistas para a disputa eleitoral de 1937. Com a proposta de capitalizar o voto dos “homens de cor” a FNB criou mecanismos que se inseriam tanto na realidade brasileira, quanto na conjuntura internacional.

De acordo com Domingues (2007, p. 107):

A FNB mantinha, inclusive, uma milícia, estruturada nos moldes dos boinas verdes do fascismo italiano. A entidade chegou a ser recebida em audiência pelo Presidente da República da época, Getúlio Vargas, tendo algumas de suas reivindicações atendidas, como o fim da proibição de ingresso de negros na guarda civil em São Paulo.

No entanto, esse poderio organizativo da FNB não possuía efetividade expressiva no que tange a pressão política e a barganha. Em 1937, com o Estado Novo, a FNB foi dissolvida e tornada clandestina. No decorrer de quase uma década, a FNB surge e insere-se no plano político como um movimento que buscava a integração do negro na sociedade de classe, o combate ao racismo científico e a pretensa “democracia racial” (BARCELOS, 1996; DOMINGUES, 2007).

Por outro lado, Abdias Nascimento atribuiu o fim das atividades da FNB à polarização política que havia se criado no interior da organização. Onde Arlindo Veiga estava próximo ao movimento nacionalista, era líder do movimento *patrianovista* e estava ligado ao movimento integralista. Em contrapartida, José Correria Leite estava mais próximo das ideias socialistas e sindicais (CAVALCANTI; RAMOS, 1978).

## INSTITUCIONALIZAÇÃO, CONTESTAÇÃO E FASCISMO

Compreender a existência de uma perspectiva fascista no interior da FNB traz diversos empecilhos que doravante transplantam-se para o plano político-ideológico daquele contexto social. O fascismo, por sua vez, surge em contextos específicos, com proporções que se desnudam não apenas do ponto de vista nacional, mas igualmente internacional. Observa-se então uma relação psicológica e igualmente social no fascismo (REICH, 1988).

De forma precisa, o fascismo é “uma revolta dentro da ordem” (BERNARDO, 2009). Nesse sentido, compreendê-lo enquanto movimento e ideologia, traz como necessidade observar que o fascismo não é uma ruptura com o sistema de dominação, mas uma forma singular de organização e reprodução das estruturas de classe.

De acordo com Bernardo (2015, p. 19 – grifo nosso):

O objectivo do trabalhador fascista não era substituir a sociedade capitalista por uma sociedade baseada noutros princípios, o que seria possível apenas através do desenvolvimento da solidariedade de classe. **O trabalhador fascista desejava simplesmente ascender no interior das estruturas existentes, desalojar os antigos patrões e tornar-se ele próprio patrão ou, se não o conseguisse, pelo menos ter junto de outros como ele, nas milícias de arruaceiros, a ilusão do poder, reduzido à brutalidade da força física.** Um desejo de ascensão que não punha em causa o fundamento das estruturas prevalecentes era uma revolta dentro da ordem, e esta conjugação entre a estreiteza de horizontes e os sonhos de grandeza explica a miséria grandiloquente da cultura fascista, as roupagens megalómanas e os acessórios de teatro com que se adornaram os lugares comuns mais banais.



Esse aspecto de ascensão à classe dominante estava diretamente ligado à perspectiva política da FNB. A integração do negro na sociedade de classes assume demasiada importância nessa organização. O exemplo que se pode observar nesse sentido, está diretamente relacionado ao estatuto da FNB (1931), respectivamente no seu Art. 3 – “A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, como força social, visa à elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra” (OLIVEIRA, 2006 p. 121).

Nesse sentido, a elevação social do negro na sociedade de classes, tornava-se perspectiva política e de luta da FNB, para além do combate ao racismo. Em contraposição, a FNB tinha como inimigos: à esquerda e a extrema-esquerda nacional e internacional, os imigrantes (sobretudo italianos) e todos aqueles que se contrapunham a perspectiva fretenegrista.

De acordo com Oliveira (2006, p. 99):

Os negros seguidores de tendências de esquerda, como o grupo de José Correia Leite ou os formadores da Frente Negra Brasileira Socialista, eram tratados não como dissidentes, mas como traidores de toda a Raça Negra, traidores do sangue e suor vertido por seus avós.

Para além disso, o rechaço a esquerda, torna-se ainda mais palatável na medida em que se observa, por exemplo, a problematização a respeito das lutas anarquistas que ocorriam no Brasil daquele período e a aproximação cada vez maior com o fascismo. A esquerda era vista como um espectro político que atrapalhava o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Aliado a imigração, tornava-se um problema na medida em que, de acordo com a tese fretenegrista, os imigrantes retiravam empregos dos “homens de cor” (MALATIAN, 2017).

[...] a presença do imigrante operou como um fator indireto de desalojamento do negro ou do mulato do sistema de produção, portanto, de perpetuação indefinida do estado de anomia, responsável pelos índices negativos de crescimento vegetativo da população Negra (FERNANDES, 1978 p. 122 apud LANNES, 2002 p. 31).

Destarte, encontra-se outra característica do fascismo da FNB. O desenvolvimento da tese de que o imigrante, sobretudo italiano, representava um empecilho para a integração do negro na sociedade de classe, trazia consigo a ausência de solidariedade de classe, correspondentes às conjecturas fascistas.



Desse modo, Bernardo (2015, p. 18):

O trabalhador fascista caracterizou-se por possuir um profundo ódio aos ricos, aliado a uma estreiteza de horizontes que o impedia de se inserir nas redes de solidariedade da sua classe e de ascender a uma compreensão do processo histórico. [...] O que cada operário quer é sair da sua classe operária, tornar-se burguês, o mais individualmente possível, burguês com todos os privilégios. Sempre que a hostilidade aos ricos não é acompanhada por nenhum sentimento de classe, o fascismo não anda longe. [...] Os horizontes estreitos que confinam cada elemento das massas e o impedem de imaginar outra coisa além da possibilidade de ascensão no interior da hierarquia vigente devem-se à fragmentação da classe, com o conseqüente isolamento recíproco dos seus membros. Nas massas os trabalhadores dispõem apenas da individualidade que lhes foi forjada pelo capitalismo, enquanto na classe cada trabalhador encontra a sua projecção histórica. E nos elos estruturantes da classe, constituídos pelos mecanismos de solidariedade, os trabalhadores encontram uma razão de ser oposta à do capitalismo.

Com base nisso, torna-se possível observar diversos traços de uma perspectiva fascista na FNB, pois além dessa luta por ascensão econômica, política e social, existia uma crítica à formação do capitalismo brasileiro, identificando a condição do negro na sociedade brasileira, como culpa dessa má formação do capitalismo, do fator imigratório e das políticas racistas.

Bernardo (2015) observa o fascismo como um conjunto de características combinadas. Para autor, a fragmentação de classe em grupos sociais, a ausência de solidariedade de classe, a descrença com as instituições sociais e as organizações “representativas”, a individualização crescente, a descrença com uma superação das condições opressão do capitalismo, o extermínio do outro, a sublevação da moral e a busca por ascensão de classe, fazem parte do escopo característico do fascismo (BERNARDO, 2015).

No que diz respeito à FNB, a formação de uma estrutura fascista estava diretamente ligada a diversas características supracitadas. Para além disso, a relação entre os movimentos *patrianovistas* e o movimento integralista estavam diretamente associados à FNB. Nesse sentido, parte dos fundadores da FNB, tais como Arlindo Veiga dos Santos, ajudaram a fundar o movimento Pátria-Nova (1929), ligado ao Centro Monarquista de Cultura Social e Política. Posteriormente, parte dos militantes *patrianovistas* criaram, em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Lannes (2002, p. 73) argumenta que:

O que pude perceber é que tanto o patrianovismo como o integralismo tinham alguns pontos em comum. Em um momento de forte reivindicação dos

operários, tanto o patrianovismo como o integralismo representaram movimentos de reação das classes médias, alicerçados nos ideais católicos e ardorosamente contra o capitalismo liberal e o comunismo.

Concomitantemente, a bandeira anticomunista e anti-esquerda, encontrava eco no interior da FNB. De forma declarada, Arlindo Veiga dos Santos colocava essas perspectivas como inimigas do povo negro, inimigas da “Gente de cor”. Por causa disso, essas perspectivas eram compreendidas como concepções que eram contrárias ou que eram empecilhos para a integração do negro na sociedade de classe e responsáveis pelo atraso no desenvolvimento do capitalismo nacional.

Lannes (2002, p. 74) observa posteriormente que:

O anticomunismo era uma das maiores lutas, não apenas pelo que representava o regime político em si, mas também porque grande parte dos que defendiam os ideais comunistas eram estrangeiros e internacionalistas. Essa luta anticomunista é um exemplo claro da influência patrianovista de Arlindo Veiga dos Santos na Frente Negra. O presidente afirmava que democracia e comunismo não são antagônicos, ao contrário, “a democracia é o comunismo em potência”. A verdadeira oposição ao comunismo seria a monarquia, defendida por ele. Também o chefe da milícia frentenegrina, Pedro Paulo Barbosa, criticava com veemência o comunismo, afirmando que o regime assassinava mulheres e crianças, não respeitando a família e abstraindo o Homem.

O fascismo na FNB não apenas apresenta um caráter de consonância com a conjuntura internacional, mas está igualmente inserido na realidade brasileira daquele contexto. Compreender de que modo a FNB expõe sua perspectiva fascista está diretamente ligado ao seu processo de contestação e institucionalização. De modo algum, é possível observar o fascismo da FNB desatrelado desses fatores.

A respeito disso, Domingues (2004, p. 62) observa uma manifestação do fascismo da FNB e de Arlindo Veiga dos Santos, onde acrescenta:

A FNB, então, passou a tratar o grupo [de José Corrêa Leite] que se aglutinava em torno do jornal *O Clarim D'Alvorada* como inimigos. Acusavam-lhes de traidores, “envenenadores da raça”, inoperantes, de nunca terem feito nada pelos negros e “só saberem falar e criticar”. Um dos dirigentes da FNB vociferava: “Os nossos seguidores não precisam de intelectuais; precisamos de mais ação e menos palavras” (Leite & Moreira s/d: 14). Com efeito, um episódio agravou o clima de tensão que se instaurou no movimento negro. Isaltino Veiga dos Santos, secretário geral da FNB e irmão de Arlindo Veiga dos Santos, incorreu em uma postura considerada imoral na viagem de inauguração, em São Sebastião do Paraíso (MG),

de mais uma delegação da FNB. Como nenhuma medida punitiva foi tomada pela entidade, o grupo de O Clarim D'Alvorada resolveu fundar um novo jornal, o *Chibata*, somente para denunciar o caso. Quando estava no terceiro número, a redação do *Chibata* – que funcionava na casa de José Correia Leite – foi violentamente empastelada por uma milícia a mando do Presidente da FNB, Arlindo Veiga dos Santos. Revoltado, o grupo de O *Clarim D'Alvorada* resolveu republicar o jornal com o nome original.

O nacionalismo era uma forte bandeira dentro da FNB, que propunha e convidava os negros a lutarem contra os inimigos da “Gente Negra”. Essa questão estava diretamente ligada a outras duas questões: quem eram os inimigos “Gente Negra”? Como lutar contra eles?

Em relação à primeira questão, torna-se demasiadamente claro quem são os inimigos da “Gente Negra”, mas como combatê-los tornava-se, em certa medida, bastante escuso.

O nacionalismo é uma armadilha, já que pela sua própria presença confere uma justificação prática àquilo que não é capaz de explicar no plano teórico. A mera existência de uma nação é usada como demonstração da sua razão de ser íntima, quando na verdade constitui apenas um sintoma da actuação de um Estado [...].O nacionalismo unifica os diferentes estratos sociais e as classes sociais antagónicas que se encontram dentro de dadas fronteiras, ou numa dada região e sonhando com fronteiras próprias (BERNARDO, 2015, p. 302).

Por causa disso, a FNB compreendia que a integração do negro na sociedade de classe e o combate ao racismo, não como algo que podia ser plenamente realizável sem uma organização que represente a “Gente Negra”, nem com uma vitória sobre os inimigos da “Gente Negra”. Embora a FNB criticasse os grandes empresários e as atuais condições do negro na sociedade classe, em suas fileiras essa distinção não era feita. Pelo contrário, para a FNB um negro pertencente à classe dominante era motivo de celebração, de vitória individual e coletiva (RIOS, 2014).

Nesse sentido, destaca-se a campanha contra a mestiçagem e as relações inter-raciais promovidas pela FNB. De forma demasiadamente ambígua, a FNB encarava a mestiçagem e as relações inter-raciais como degenerações, ao passo que concebia essas relações como sendo fortificadores do “Negro Moderno”, sem uma distinção colorista.

Num artigo publicado no jornal *A voz da raça* (Ano I, n. 27, p. 19 apud GUIMARÃES, 2003, p. 57) o autor observa que:

Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro!  
Isso mostra unicamente que a Alemanha Nova se orgulha da sua raça. Nós tam-

bém, nós brasileiros, temos raça. Não queremos saber de arianos. Queremos o brasileiro negro e mestiço que nunca traiu nem trairá a Nação.

As relações inter-raciais eram encaradas como degeneração do negro, para além do comunismo e da democracia, e por causa disso precisam ser combatidos (BARCELOS, 1996; LANNES, 2002; DOMINGUES, 2007). Essas e outras características do fascismo da FNB não estão de modo algum distantes do conceito de fascismo apresentado anteriormente. Pelo contrário, manifestam-se e tornam mais radicais no desenvolvimento da organização.

Um exemplo que pode ser observado a respeito disso trata-se da quase “veneração” que Arlindo Veiga e Pedro Barbosa tinham a respeito de Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália.

Em artigo intitulado “*Fogo neles!*” (1934) Arlindo Veiga dos Santos, observou que:

Nações que se prezam, que têm uma doutrina nova e séria como a Itália e a Alemanha atuais, não podem permitir que uns pandegos da democracia liberal, os bobões que até hoje vivem gritando os “imortais princípios” da revolução francesa, os socialistas anarquizadores e os comunistas criminosos preguem libertariamente a sua estupidez. (...) Hitler, na Alemanha, anda fazendo uma porção de coisas profundas. Entre elas, a defesa da raça alemã, defesa que chega até ao exagero. Aquela moleza dos democráticos e sociais-democráticos antigos, seguiu-se, pois, a dureza de um Homem que sabe o que quer e executa. E um aspecto vivo dessa atuação está no incêndio de muitos livros de escritores alemães traidores das épocas de fraqueza do Estado Alemão, livros que pregavam coisas inconvenientes à afirmação e renovação da Germânia. E especialmente na questão da Raça. Hitler quer a renovação da Raça alemã. (...) Por essas e outras, vamos aprendendo os processos de Hitler. E, quando um dia o Brasil tiver um governo nacionalista de-fato, que saiba ver essas coisas direito mesmo, vamos “tacar” *fogo neles*; Isto é – nos livros infames etc.! (SANTOS, 1934 p. 1 apud OLIVEIRA, 2006, p. 106).

De modo semelhante, Pedro Paulo Barbosa escreveu um artigo para *A voz da raça*, intitulado “*Apreciando*” (1936), em que acrescenta:

Hoje os países que adoram o regime totalitário de vida dentro da orgulhosa Europa, manifestam-se com o maior devotamento à concentração de poderes em torno de um só homem, que, nos parece chegar a força do endeusamento, que o povo e principalmente a sua mocidade colocam-se abaixo de tudo, para o elevamento do conceito de Pátria, eis que o homem nada mais representa que, um ótimo cidadão no cumprimento do seus deveres cívicos e melhor soldado na jornada guerreira. (...) A Itália de ontem vivia a vida da desorganização, sofrendo conseqüência das revoluções continuas dos pequenos estados e a conseqüente

descentralização do que se possa exprimir por pátria. Nos tempos de hoje vive a Itália de Mussolini, a nova organização de vida, o novo conceito de pátria, a nova escola do patriotismo renovador e onde cada cidadão forma uma forte e indestrutível pilastra em que repousa a tranqüilidade do país. (...) E a Alemanha vem na mesma ordem, trilhando o mesmo caminho. Educando e preparando o espírito do seu povo (BARBOSA, 1936 p. 1 apud OLIVEIRA, 2006, p. 107).

O debate acerca da existência de uma perspectiva fascista na FNB é largamente ignorado ou minimizado, em detrimento de uma análise que busca explicar os aspectos “positivos” da FNB e seu processo de institucionalização e contestação do que uma análise que se irrompa na tentativa compreender o autoritarismo e o conservadorismo da FNB (OLIVEIRA, 2006).

O processo de institucionalização da FNB, por sua vez, é um processo demasiadamente amplo e que não está desassociado do contexto social e político. Como mencionado anteriormente, a FNB surge com direta associação aos clubes dos “homens de cor”, como proposta de “fazer valer” os interesses da “Gente Negra”. Destarte, Arlindo Veiga dos Santos, seu principal fundador e dirigente, compreendia que era necessário criar uma organização negra que pusesse em pauta a questão racial no Brasil e a integração do negro na sociedade de classe (LANNES, 2002).

Com base nisso, a FNB surge diretamente ligada a uma busca por institucionalização. De acordo com o Estatuto Geral da Frente Negra Brasileira, respectivamente no Artigo 4, onde se observa:

Art. 4º - Como força política organizada, a “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, para mais perfeitamente alcançar os seus fins sociais, pleiteara, dentro da ordem legal instituída ao Brasil, os cargos eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro (OLIVEIRA, 2006, p. 121).

A busca por representação da “Gente Negra Brasileira” coloca a FNB numa plataforma onde somente ela poderia: 1) empreender uma luta contra o racismo científico; 2) possibilitar, pelos meios legais, a integração do negro na sociedade de classe; 3) levar a cabo as reivindicações da “Gente Negra Brasileira”; e 4) lutar contra os inimigos do povo negro.

Dessa forma, toda mobilização que estivesse desarraigada da perspectiva política da FNB e de seus líderes, eram compreendidas como degeneração do negro, traição e etc. Com base nisso, a FNB compreendida que empreender uma luta contra o racismo e pelas reivindicações da “Gente Negra” teria de perpassar a institucionalidade, respeitar os aspectos políticos e legais e, a partir deles, trazer uma nova forma de organização social.

Dentro disso, a FNB compreendia que a luta contra o racismo e pela integração do negro, precisaria passar pelas esferas institucionais, pois a luta da “Gente Negra” não poderia ser representada ou efetivada por outras organizações ou indivíduos que não fossem a FNB ou, no melhor dos casos, a “Gente Negra”.

De acordo com um artigo intitulado “*Em marcha*” publicado no jornal “*A voz da raça*” (1933 p. 1 apud OLIVEIRA, 2006, p. 51), Arlindo Veiga dos Santos argumenta que:

Em face da situação, mais fácil de sentir dentro do cosmopolitanismo de São Paulo, onde há sempre, junto ao maior bem, o maior mal dentro do País, nasceu a FNB visando resolver o problema que por dois métodos talvez nenhum branco ainda compreendia: o método político e o método social. Feitas as primeiras experiências, passou o método político para o segundo plano. Tática de resolução. Depois de em-vão esperar que se manifestassem, por atos concretos, consciências negras ou mestiças pacientes, a favor da vigente obra iniciada, depois de esperar em balde que os poderes competentes dessem fé da patriótica obra nacionalista iniciada, recorreremos ao segundo processo: a EDUCAÇÃO, A FORMAÇÃO dos valores novos segundo a Escola Frentenegrina.

Nesse sentido, a FNB nasce institucionalizada, com um estatuto demasiadamente rígido, uma estrutura hierarquizada e centralizada no Conselho Geral. Embora a FNB surja como uma organização que cõngrue parte significativa da “Gente Negra Brasileira” e não faz uma distinção de gênero, a FNB possuía uma estrutura fortemente autoritária, com uma ideologia demasiadamente conservadora e declaradamente fascista.

De acordo com Domingues (2006, p. 529):

O projeto nacional do regime nazista era concebido de maneira tão positiva, que, nós, brasileiros, deveríamos aplicá-lo em nosso país, pelo menos no que dizia respeito à sua ideologia racial, ou seja, tínhamos que ter uma postura anti-semita, xenófoba, sermos refratários aos “arianos” e à entrada dos imigrantes – que, afinal, colocavam em risco a unidade nacional e racial do país. Implantando um projeto nacional nos moldes nazistas, conseguiríamos valorizar o autêntico brasileiro, o negro ou mestiço. Em suma, só com uma política racial de natureza “nazista” afirmaríamos a verdadeira raça brasileira, “sobretudo no seu elemento mais forte: o negro”.

Em buscas de afirmar sua posição nacionalista e de luta contra os inimigos da “Gente Negra” e da nação, Arlindo Veiga dos Santos publica um artigo no jornal *A voz da raça*, intitulado “*Que o negro não se iluda!*” (n. 43, 1934, p.1 apud OLIVEIRA, 2006, p. 52) que de forma incisiva observou que:

O negro precisa entrar violenta e tenazmente na HISTORIA DO PRESENTE DO BRASIL, conquistar violentamente o SEU LUGAR na comunidade nacional, porque – desengana-se! – ninguém lh’o dará por bem. No fim de todos os nossos trabalhos sempre nos quererão tapear, embrulhar, roubar... e felizes de nós ainda, quando o que devia ser nosso fica nas mãos de patrícios brancos e não vae parar nas de estrangeiros.

Destarte, a institucionalização e a contestação estavam associadas na medida em que a FNB pretendia inserir-se nas dinâmicas do Estado, tornar-se uma representante legítima da “Gente Negra” e, por fim, tornar-se um partido político. Ao passo que se compreende o processo de institucionalização da FNB, resta compreender essa relação com a luta que busca contestar a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o fascismo, aliado a institucionalização e a contestação promovida pela FNB traz diversos problemas. Dentre eles, pode-se observar, por exemplo, a recusa crítica dos movimentos negros contemporâneos em construir uma análise que vá além da mera representação que a FNB projeta sobre si mesma. Por isso, pensar a perspectiva fascista e autoritária da FNB, gera demasiado incomodo nos militantes e nas organizações do movimento negro. Talvez por isso, essa temática seja escassa de uma análise crítica.

Outro problema metodológico encontrado, diz respeito à própria história da FNB e a sua relação com a conjuntura nacional e internacional. Destarte, a ascensão do Nazismo na Alemanha, o Fascismo na Itália e o cenário de efervescência das lutas sociais no Brasil encontraram eco na perspectiva política da FNB.

O caráter conservador e demasiadamente fascista na FNB torna-se um fantasma que assombra o movimento negro contemporâneo. Seja por suas relações ou a reprodução de diversas práticas conservadoras por parte desses movimentos. Os artigos publicados por Arlindo Veiga dos Santos e Pedro Barbosa, no jornal “*A voz da raça*”, demonstraram admiração e engajamento com as políticas e ideologias de Hitler e Mussolini.

Noutro lado, encontram-se, por sua vez, as lutas contestatórias. A FNB pautava a luta contra o racismo tendo como solução a integração do negro na sociedade de classe. Para efetivar seu programa, a FNB compreendia que era necessário combater os inimigos da “Gente Negra” e da nação. Só a partir disso as contradições raciais seriam superadas.

Portanto, torna-se demasiadamente importante observar que o debate racial promovido pela FNB concebia a luta racial apenas inserida na dinâmica da institucionalidade. Por causa disso, a FNB pretendia torna-se um partido político, com o objetivo de represen-



tar a “Gente Negra Brasileira”. É desse modo que o debate acerca da institucionalização e da contestação na qual a FNB estava inserida, não podem ser compreendidas de forma alheia a conjuntura e as modas ideológicas do início do século.

Nesse sentido, as práticas fascistas da FNB tornam-se claras, para além dos contatos e dos elogios a Hitler e Mussolini. Pelo contrário, eles tornam-se visíveis na medida em que se observa as relações que estabelecem com indivíduos e organizações da “Gente Negra”, o impulso de forte hierarquização, o rechaço ao Estado e as oligarquias. Fundamentalmente, a FNB tinha como objetivo a ascensão do negro ao status de classe dominante.

Por isso e outros aspectos, é possível observar uma dinâmica fascista na FNB, através de um amplo processo de institucionalização, que se desemboca nas lutas contestatórias e está diretamente ligada a conjuntura política do início do século. Pautar esse debate é em partes problemático, mas traz a possibilidade de contribuir para a construção de uma luta racial que não reflète as perspectivas do passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Luiz. “Mobilização Racial no Brasil: uma revisão crítica”. In: *Afro-Ásia*, Salvador, v. 1, n. 17, 1996, p. 187-210.

BERNARDO, João. *Labirintos do Fascismo: Na encruzilhada da ordem e da revolta*. 2ª ed. Portugal: [s.e], 2015. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/labirintos-do-fascismo.pdf>> Acesso em: 25 de Jul. 2019.

CAMPOS, Deivison. *O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

CAVALCANTI, Pedro & RAMOS, Jovelino. *Memórias do exílio*. São Paulo: Livramento, 1978.

DOMINGUES, Petrônio. “Paladinos da liberdade: A experiência do Clube Negro de Cultura Social em São Paulo (1932-1938)”. In: *Revista de História*, v. 1, n. 150, 2004, p. 57-79.

\_\_\_\_\_. “O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!””. In: *Varia História*, v. 22, n. 36, 2006, p. 517-536.

\_\_\_\_\_. “Movimento Negro Brasileiro: Alguns Apontamentos Históricos”. In: *Tempo*, v. 12, n. 23, 2007, p. 100-122.

\_\_\_\_\_. “Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos”. In: *Dimensões*, v. 21, n. 1, 2008, p. 102-124.

GUIMARÃES, Antonio. “A modernidade negra”. In: *Teoria e pesquisa*, v 42, n. 43, 2003, p. 41-61.

\_\_\_\_\_. “Cidadania e retóricas negras de inclusão social.” In: *Lua Nova* n.1, v. 85, 2012 p. 13-40.

LANNES, Laiana. *A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930*. Dissertação de Mestrado em História Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.

MALATIAN, Teresa. “O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira (1931-1934)”. *Revista brasileira de história das religiões*, v. 5, n. 15, 2013 [s.p].

\_\_\_\_\_. “Memória e contra-memória da frente negra brasileira”. In. XXIX Simpósio Nacional de História. *Anais...* Brasília: UNB, 2017.

OLIVEIRA, André. *Quem é a “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira e A voz da Raça (1933-1937)*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

RIOS, Flávia. *Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e estado*. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

---

## PRÁXISCOMUNAL

---

**Práxis Comunal**  
v2.n.1 JAN-DEZ. 2019  
Periodicidade: Anual

seer.ufmg.br/index.php/praxiscomunal  
praxiscomunal@fafich.ufmg.br

DIAS, Matheus Felipe Gomes. A Frente Negra Brasileira: Institucionalização, Contestação e Fascismo.

Data de submissão: 28/07/2019 | Data de aprovação: 07/12/2019

A Práxis Comunal é uma revista eletrônica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como citar este artigo:

DIAS, Matheus Felipe Gomes. A Frente Negra Brasileira: Institucionalização, Contestação e Fascismo. In: **Práxis Comunal**. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 108-124.